

O TURISMO E A REVALORIZAÇÃO DAS RURALIDADES

DOI:10.4025/revpercurso.v8i1.31346

Juliana Carolina Teixeira

Universidade Estadual do Paraná, Câmpus Campo Mourão
julianatma@gmail.com

RESUMO: Na mesma medida em que avança o processo de urbanização, cresce também a valorização das representações da vida do campo. O aumento da demanda caracterizada por habitantes citadinos que buscam o cenário bucólico do mundo rural torna esses espaços e, a vida cotidiana que neles ocorre, objeto de consumo a ser mercantilizado por meio do turismo. Nesse contexto, inflamam os discursos que tratam da atividade como meio de desenvolvimento de regiões as quais sofreram com os resultados do desenvolvimento desigual promovido pela modernização da agricultura. A concentração fundiária e o êxodo rural, como resultados de uma agricultura moderna, comprometeram a permanência de agricultores camponeses que buscaram alternativas para a sua manutenção. Dessa forma, o turismo, uma das atividades não agrícolas que, gradativamente, se multiplicam no campo, conferindo também a esse espaço acentuado grau de urbanização, passa a ser apontado como atividade alternativa de renda para camponeses de áreas rurais menos favorecidas. O objetivo dessa pesquisa, portanto, foi investigar como o turismo segue revalorizando as ruralidades na Mesorregião Centro-Ocidental do Paraná. O método dialético foi utilizado para a realização dessa pesquisa, uma vez que ele pressupõe a interpretação dinâmica e totalizante da realidade, dando aporte para a análise de suas contradições. Os resultados finais apontaram que as características da atividade turística e as revalorizações das ruralidades delegam ao espaço rural da Mesorregião um conjunto de simulações dos modos de vida e produção da “agricultura tradicional”, considerada, até a pouco, como uma atividade atrasada e arcaica pela modernização da agricultura.

Palavras-chave: Agricultura tradicional; Turismo rural; Ruralidades; Modos de vida.

THE TOURISMO AND THE REVALUATIONS OF RURALITIES

ABSTRACT: In the same proportion that the process of urbanization advances, grows as well the valorization of the field's life representations. The growth of the demand, characteristic by urban citizens, whom search for the bucolic scenario of countryside, turns these spaces and the quotidian lifestyle in it, objects of consumption to be exchange as a mercantile product through the tourism business. In this context, explode the speeches about the activity as a developing tool to the regions, which suffered with the results of unequal growing promoted by the modernization of agriculture. The rural demography and the rural flight, as result of a modernized agriculture,

have compromised the permanency of agriculture workers, whom searched for alternatives to its maintenance. This way, the tourism, one of the non-agricultural activities those, gradually, multiply in the countryside, giving as well to this space a high level of urbanization, starts to be pointed as alternative activity of income to peasants of poorer areas of fields. The purpose of this research, therefore, was to investigate how tourism follows revaluing the ruralities of the Central-Occident Mesoregion in Paraná. The dialectical method was used to the realization of this object's study, once it presumes the dynamic and panoramically interpretation of the facts, supporting the analysis of its contradictions. The final results showed that the characteristics of tourism and revaluations of ruralities delegate to the rural areas of Mesoregion a set of simulations of the ways of life and production of "traditional agriculture", considered until recently as a backward and archaic activity by the modernization of agriculture.

Key-words: Traditional Agriculture; Rural tourism; Simulations; Lifestyles.

1 INTRODUÇÃO

Na mesma medida em que avança o processo de urbanização, cresce também a valorização das representações da vida do campo. O aumento da demanda caracterizada por habitantes citadinos que buscam o cenário bucólico do mundo rural torna esses espaços, e a vida cotidiana que neles ocorre, objeto de consumo a ser mercantilizado por meio do turismo. Nesse contexto, inflamam os discursos que tratam da atividade como meio de desenvolvimento de regiões as quais sofreram com os resultados do desenvolvimento desigual promovido pela modernização da agricultura.

A concentração fundiária e o êxodo rural, como resultados de uma agricultura moderna, comprometeram a permanência de agricultores tradicionais, que buscaram alternativas para a sua manutenção. Dessa forma, o turismo, uma das atividades não agrícolas que, gradativamente, se multiplica no campo, conferindo também a esse espaço acentuado grau de urbanização, passa a ser apontado como atividade alternativa de renda de áreas rurais menos favorecidas. É preciso, contudo, compreender que o turismo, enquanto prática econômica e social que ocorre no espaço, também se coloca como mais um dos desdobramentos do capitalismo no campo e, pautado nas relações de consumo, transforma em mercadoria o espaço e tudo o que está contido nele.

Baseado nesses pressupostos, o presente trabalho, teve como objetivo investigar como o turismo segue revalorizando as ruralidades na Mesorregião Centro-Occidental do Paraná. Isso porque, suas características físicas e socioeconômicas, trouxeram para a região discursos e

iniciativas de implantação do turismo como atividade de desenvolvimento para a localidade e alternativa de renda para os agricultores tradicionais.

A discussão realizada nesta pesquisa está baseada na utilização do método dialético para a compreensão das contradições identificadas. O referencial teórico-metodológico deste trabalho está baseado principalmente em técnicas qualitativas. As abordagens teóricas utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa estiveram centradas principalmente nas discussões relacionadas a agricultura tradicional; a modernização da agricultura; rural/urbano campo/cidade; a revalorização das ruralidades; o turismo rural. Para tais discussões as reflexões foram realizadas com base nos trabalhos de Luciano Zanetti Pessôa Candiotto e Walquíria Kruger Corrêa; Ana Fani Alessandri Carlos; Maria José Carneiro; Rita de Cássia Ariza da Cruz; Angela Maria Endlich; Marta Inez Medeiros Marques; Olga Tulik; Ellen Fensterseifer Woortmann. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental para coleta de dados no plano teórico e os estudos empíricos foram captados por meio de observações em campo, entrevistas e obtenção de imagens. Tais técnicas foram aplicadas nos quatro empreendimentos turísticos da região que desenvolvem suas atividades no espaço rural da mesorregião os quais foram: Hotel-fazenda Água Azul, Pousada A Fazendinha, Pousada Parque das Gabirobas e o Thermas de Jurema Resort Hotel. Para além, ainda foram coletados dados junto aos gestores públicos.

O artigo se divide em quatro partes. A primeira delas trata-se da presente introdução. A segunda aborda o tema do turismo como atividade não agrícola no espaço rural e como instrumento de revalorização das ruralidades. A terceira parte discorre sobre o turismo na mesorregião e seu avanço por meio das simulações do modo de vida e produção da agricultura tradicional. A última parte trata das considerações finais da pesquisa.

2 A REVALORIZAÇÃO DAS RURALIDADES E O TURISMO NO ESPAÇO RURAL COMO ATIVIDADE NÃO AGRÍCOLA

A complexidade dos conceitos e das definições sobre o campo e a cidade, sobre o rural e o urbano e o avanço do modo de vida urbano resultam, para Marques (2002), ora na idealização do passado e na valorização do tradicional, ora na valorização do progresso da modernidade. A autora explica que, no final dos anos de 1970, as condições de vida insalubres da cidade fazem

com que as discussões cidade e campo sejam retomadas, isso porque, o campo passou cada vez mais a representar o local de reencontro com a natureza, com a vida tranquila e saudável. É preciso, porém, compreender que o campo não pode ser confundido com natureza, uma vez que o campo é espaço que foi secularmente cultivado e artificializado pelo homem, como ressalta Marques (2002).

A disseminação de uma imagem bucólica do campo, tido como lugar onde é possível encontrar uma melhor qualidade de vida completamente oposta à vida estressante da cidade aumenta a revalorização do modo de vida e produção rural em objeto de consumo. Essa revalorização do rural é disseminada como uma tentativa de reduzir a pobreza de áreas menos desenvolvidas, mas que possuem como objetivo principal a propagação das relações capitalistas no campo por meio da inserção de novas atividades agrícolas e não agrícolas nesse espaço (CANDIOTTO; CORRÊA, 2008).

Compreendemos, nesse sentido, que há gradativamente uma exaltação às características do rural em detrimento da vida conturbada e estressante da cidade. Assim, as ruralidades tornam-se mercadorias no avanço da urbanização no campo. A tentativa de utilizar as atividades de lazer, turismo, preservação ambiental, dentre outras, as quais buscam uma valorização do que é próprio do meio rural, mercantiliza esse espaço. Não apenas as paisagens bucólicas do campo e outros bens materiais são consumidos por meio dessa mercantilização, como também os bens imateriais são colocados à disposição desse mercado. Assim, as chamadas novas ruralidades são, na verdade, formas de apropriação e de mercantilização das ruralidades.

A noção de ruralidades vem sendo adotada por alguns teóricos, a exemplo de Carneiro (1998), em decorrência das dificuldades em delimitar o espaço rural do espaço urbano. Assim, ruralidades e urbanidades são compreendidas como fenômenos do rural e do urbano. Para a socióloga, a ruralidade não pode ser compreendida apenas pelo avanço da sociedade urbano-industrial no meio rural, mas também pelo consumo da mesma, dos bens simbólicos e materiais do mundo rural.

É necessário, segundo Carneiro (1998), mais do que redefinir fronteiras entre rural e urbano, pois é preciso buscar, a partir dos agentes sociais, os significados das práticas sociais que aumentam gradativamente no campo como na cidade. Importante ressaltar é que Carneiro (1998)

compreende as ruralidades como a revalorização das características do campo pela urbanidade contemporânea.

Compreendemos, porém, que as ruralidades podem ser definidas como objetos e ações próprias do rural, fazendo parte da identidade de sua população (CANDIOTTO; CORRÊA, 2008). Tais características existem secularmente, independentemente da busca atual pela população urbana dessas características. Consideradas arcaicas e atrasadas, as ruralidades são revalorizadas e recebem novas roupagens para o consumo:

Nessa perspectiva, a nova ruralidade não é algo construído socialmente pela população rural, mas mais uma idéia imposta por organismos concentradores do poder, cristalizada no discurso, porém muitas vezes não concretizada, que passa a ser utilizada e propagada por diversos pesquisadores como novos aspectos da realidade do espaço rural. Nesse sentido, há uma rápida incorporação e divulgação da retórica como se esta fosse fundamentada na realidade empírica, mostrando que teorias passam a orientar a prática sem necessariamente serem desenvolvidas com base em constatações empíricas (CANDIOTTO; CORRÊA, 2008, p. 232).

Marques (2002) explica, nesse quadro, que o campo ainda é um espaço com menos mediações que o espaço urbano e a intensidade mais próxima das relações “[...] verificados no primeiro depende, sobretudo, de como os grupos sociais que sobre ele atuam se relacionam com a terra, podendo implicar questões de territorialidade e sentimento de localidade” (MARQUES, 2002, p. 109). Para Marques (2002), isso tudo se dá em função da alienação do modo de vida urbano e da idealização do modo de vida rural, em que a imagem do campo remete ao passado, à tradição e a cidade remete ao futuro, ao moderno, faltando, nessa passagem, o presente marcado pelas tensões sociais.

A idealização do campo e das ruralidades, e sua mercantilização, não permitem visualizar esse espaço com seus inconvenientes e sem o mínimo de conforto. Nesse sentido [...] os urbanos valorizam o rural como paisagem, e buscam um rural sem os inconvenientes tradicionais do campo [...] existe uma diferença entre as ruralidades “reais” e as ruralidades idealizadas pela mídia, pelos empresários e pelos políticos, que influenciam a percepção dos habitantes urbanos, atraindo-os para o consumo do espaço rural. (CANDIOTTO; CORRÊA, 2008, p. 239).

Dessa forma, o “Novo Rural” e as “novas ruralidades” tratam das mudanças do campo sem tratar das suas permanências, seus inconvenientes e valorizando todo o seu conforto e nova roupagem. Pesquisadores como Marafon (2009), Marques (2002), Carlos (2004), dentre outros, apontam e enfatizam as permanências no campo, ao tratarem das discussões referentes às relações entre campo e cidade. Para Marafon (2009), como permanências no campo pode-se citar a expansão dos complexos agroindustriais (CAIs) e os problemas sociais e ambientais resultantes dessa expansão. Ainda permanece a concentração fundiária, conseqüentemente a exclusão do acesso à terra, a luta pela terra, a precarização das relações de trabalho, o desgaste e perda dos solos, a poluição da água, dentre outros.

Carlos (2004) apresenta o espaço como mercadoria, que mantém as lutas sociais tanto no campo quanto na cidade, exemplificados pela luta dos sem-terra e dos sem-teto. Para a geógrafa, “[...] a análise do mundo moderno nos impõe o conhecimento do espaço enquanto noção e enquanto realidade - nesta dimensão sua produção revela-o enquanto mercadoria – isto é a reprodução do capital realiza a mercantilização do espaço” (CARLOS, 2004, p. 12).

Graziano da Silva (1998) trata da urbanização do campo, nesse sentido, como a mercantilização do espaço agrário, do tempo livre e do modo de vida e produção das famílias rurais com a inserção das atividades não agrícolas. Ao discorrer sobre o processo de urbanização do campo brasileiro, ressalta que esse processo ocorre com maior intensidade em meados da década de 1970, primordialmente com a proliferação dos Complexos Agroindustriais (CAIs).

Dessa forma, para Graziano da Silva (1998), a partir da década de 1980, as atividades não agrícolas crescem consideravelmente, urbanizando, assim, o campo. Para o autor, o campo não é mais caracterizado apenas pelas atividades agropecuárias, uma vez que “[...] ganham importância outras dimensões, como as de moradia, de transformação industrial e inclusive as não-produtivas no sentido estrito do termo, como o lazer e a preservação ambiental” (GRAZIANO DA SILVA, 1998, p. 183).

O autor ainda afirma que as políticas para combater a pobreza no campo não devem se pautar apenas na utilização de alternativas que são próprias desse espaço. As tentativas devem concentrar seus esforços no contexto do avanço da urbanização. Na concepção de Graziano da Silva (1998), isso significa dizer que se devem buscar alternativas para além das atividades

tradicionais (criação de animais e produção agrícola), a exemplo das atividades de serviços, como lazer e turismo.

O avanço da urbanização e a proliferação de atividades não agrícolas no campo, seja por meio da iniciativa privada ou da iniciativa pública, delegam a esse espaço características específicas, que formaram, para Graziano da Silva (2002), o “Novo Rural” brasileiro.

Como atividades não agrícolas que vêm ganhando importância nesse quadro de urbanização do campo, o autor cita o Turismo Rural, a fazenda-hotel, os complexos hípicas, os leilões e exposições agropecuárias e as festas de rodeio.

A evolução das urbanidades no campo, com a inserção cada vez mais intensa de atividades não agrícolas nesse espaço, unida à busca do poder público por alternativas para desenvolver regiões e grupos sociais rurais menos favorecidos e a procura da população urbana em consumir o espaço rural e suas ruralidades, tudo isso intensifica a propagação das atividades de turismo no campo. Essa conformação a que Graziano da Silva (2002) se referiu como “Novo Rural”, que inclui o turismo como atividade alternativa para o desenvolvimento do campo, deve ser investigada como real possibilidade para o espaço rural e para os agricultores familiares camponeses, afinal:

É preciso problematizar acerca dessas novas atividades desenvolvidas no campo, entendidas como de *novo rural*. A proposta de volta ao campo e revalorização da natureza são valores rurais? Esse retorno ocorre de uma perspectiva urbana. Ele só é aceitável, por parte da sociedade, tendo em vista o conforto, a acessibilidade, o vínculo com a cidade e com a mídia que veicula valores urbanos. Ou será que as pessoas voltariam para o campo sem eletricidade e outros confortos, já incorporados como necessidades, com base em referenciais urbanos? O que impulsiona atividades consideradas como do *novo rural*? A demanda é basicamente urbana. (ENDLICH, 2006, p. 29).

Ao tratar da evolução da sociedade urbana e seu modo de vida, Endlich (2006) nos convida a refletir sobre esses questionamentos. É necessário compreender as características básicas da atividade turística e de sua demanda, carregada de valores e costumes urbanos, os quais buscam diversidade de lugares e culturas sem abrir mão de um mínimo de conforto. Devemos partir da premissa de que vivemos em uma sociedade capitalista marcada pelo mundo do consumo, da mercadoria.

O turismo entendido como prática social, nesse sentido, também é fundamentalmente prática econômica. É atividade que comercializa cada vez mais diversos espaços mundiais, como apresenta Carlos (1999), e também os bens imateriais que compõem esse espaço.

Segundo Joaquim (2003), as primeiras manifestações de turismo no espaço rural surgem na Europa, mais especificamente na França por volta de 1971 e a partir de então se espalha mundialmente. No Brasil, a primeira iniciativa foi a da Fazenda Pedras Brancas, no município de Lages, em Santa Catarina, fazenda que, em 1986, recebeu um grupo de turistas para nela pernoitar e participar dos trabalhos no campo, conforme apresenta Rodrigues (2003). O maior desenvolvimento da atividade no país ocorre com a evolução da busca pela população urbana de volta ao rural, ao reencontro com a natureza, sendo também uma alternativa ao turismo de “sol e mar”.

As discussões terminológicas sobre as atividades turísticas realizadas no espaço rural são muitas, isso em detrimento do vasto campo de atividades que nele se realizam, como já apontamos acima. Alguns conceitos convergem, porém, para o entendimento de que toda atividade realizada em espaço rural se denomine Turismo em Espaço Rural e nele estão incluídos, por exemplo: o turismo religioso, o turismo de eventos, o turismo de negócios, o turismo de aventura, o ecoturismo, o turismo rural, entre outros. Já as atividades que estão mais intimamente ligadas ao meio rural, o estilo de vida e a cultura de seus habitantes são denominadas de Turismo Rural, conforme Tulik (2004).

Para a questão de classificação, Rodrigues (2003) divide ainda a categoria de Turismo Rural em dois grandes grupos relacionados ao patrimônio rural. O primeiro grupo é de cunho histórico e se refere ao Turismo tradicional (que engloba os subgrupos de um turismo de origem agrícola, outro de origem pecuarista e um terceiro de origem europeia). O segundo grupo é de natureza contemporânea e se refere ao Turismo Rural contemporâneo (englobando os hotéis-fazenda, as pousadas rurais, os spas rurais, as segundas residências campestres, *campings* e acampamentos rurais, turismo de caça e pesca, turismo rural místico ou religioso, turismo rural científico-pedagógico e turismo rural etnográfico).

Para Rodrigues (2003), a primeira modalidade está relacionada às grandes fazendas pecuaristas ou de café e as propriedades de imigrantes europeus, mais simples, menores e com conotação familiar. A segunda modalidade de Turismo Rural contemporâneo se coloca em

oposição ao Turismo Rural tradicional, por possuir equipamentos mais recentes e ser uma alternativa ao turismo de “sol e mar”. Esse entendimento decorre do fato de que o Turismo Rural contemporâneo, ao contrário do tradicional, se desenvolve com mais intensidade a partir da década de 1970, em uma tentativa de atender à demanda crescente que trocava o turismo no litoral brasileiro pelo interior do país.

Nesse sentido, Tulik (2004), ao tratar do Turismo em Espaço Rural, utiliza a seguinte classificação: turismo alternativo; turismo no espaço rural/turismo na área rural; turismo em áreas rurais e naturais; turismo na natureza; turismo cultural; agroturismo; turismo rural. Nessa classificação, Tulik (2004) diferencia o turismo rural do agroturismo, o que nos chama mais a atenção no esforço de esclarecer as características particulares dessas duas modalidades, ao passo que Graziano da Silva (2002) cita o agroturismo como alternativa de renda para a família camponesa.

Tulik (2004) descreve o turismo rural como uma atividade que deve estar ligada aos bens materiais e imateriais do campo, como exemplo, a paisagem rural, a gastronomia, músicas, danças, etc. A autora compreende, porém, que essa modalidade de Turismo no campo hoje se manifesta na sua maioria por meio de hospedagem que acaba por reproduzir estruturas e entretenimentos urbanos, a saber: os hotéis-fazenda, spas, parques aquáticos e discotecas.

Por sua vez, o agroturismo, para a geógrafa, que representa, ao lado do turismo rural, uma das modalidades dentro do turismo no espaço rural, se define como atividade que deve se realizar como alternativa de renda dentro de determinada propriedade agrícola que baseia sua produção no trabalho familiar em que o proprietário está sempre presente e o turista participa das atividades realizadas no local.

Nesse contexto, não raro, é possível encontrar discursos em documentos públicos, na mídia, dentre outros veículos de informação, que o turismo cresce como atividade econômica, podendo ser vetor de desenvolvimento em regiões menos favorecidas. Segundo o Ministério do Turismo (2008), a atividade turística praticada no campo pode auxiliar no desenvolvimento econômico e social, valorizando os patrimônios e os produtos locais. Ao mesmo tempo, o Ministério ressalta que é necessário tomar uma série de medidas para estruturar, desenvolver, promover e comercializar adequadamente o atrativo turístico.

3 O TURISMO NA MESORREGIÃO CENTRO-OCIDENTAL PARANAENSE

A Mesorregião Centro-Occidental é uma das dez Mesorregiões do Estado do Paraná¹ e, segundo o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (2012), ocupa uma área de 1.191.893,6 hectares (que equivale a 6,0% de toda a área do Paraná). Essa região faz fronteira ao norte com a Mesorregião Noroeste, a oeste com a Mesorregião Oeste, ao sul com as Mesorregiões Oeste e Centro Sul e a leste com as Mesorregiões Centro Sul e Norte Central.

Os 25 municípios que compõem a região estão divididos entre a microrregião de Campo Mourão (composta pelos municípios de Araruna, Barbosa Ferraz, Campo Mourão, Corumbataí do Sul, Engenheiro Beltrão, Farol, Fênix, Iretama, Luiziana, Mamborê, Peabiru, Quinta do Sol, Roncador e Terra Boa) e a microrregião de Goioerê (composta pelos municípios de Altamira do Paraná, Boa Esperança, Campina da Lagoa, Goioerê, Janiópolis, Juranda, Moreira Sales, Nova Cantu, Quarto Centenário, Rancho Alegre D'Oeste e Ubitarã). O município polo é Campo Mourão por sua densidade populacional e expressão econômica na região (IPARDES, 2012).

Seguindo uma lógica da política nacional de descentralização e maior autonomia da atividade turística, em escalas municipais e regionais, o Estado do Paraná, atualmente trabalha com quatorze regiões turísticas. Dentre elas está a região turística Roteiros da COMCAM que reúne os municípios da Mesorregião Centro-Occidental paranaense. A região turística corresponde a cor roxo claro na Figura 1:

¹ Delimitadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as Mesorregiões são subdivisões dos Estados brasileiros que congregam municípios em função de suas semelhanças econômicas, sociais, físicas, dentre outras.

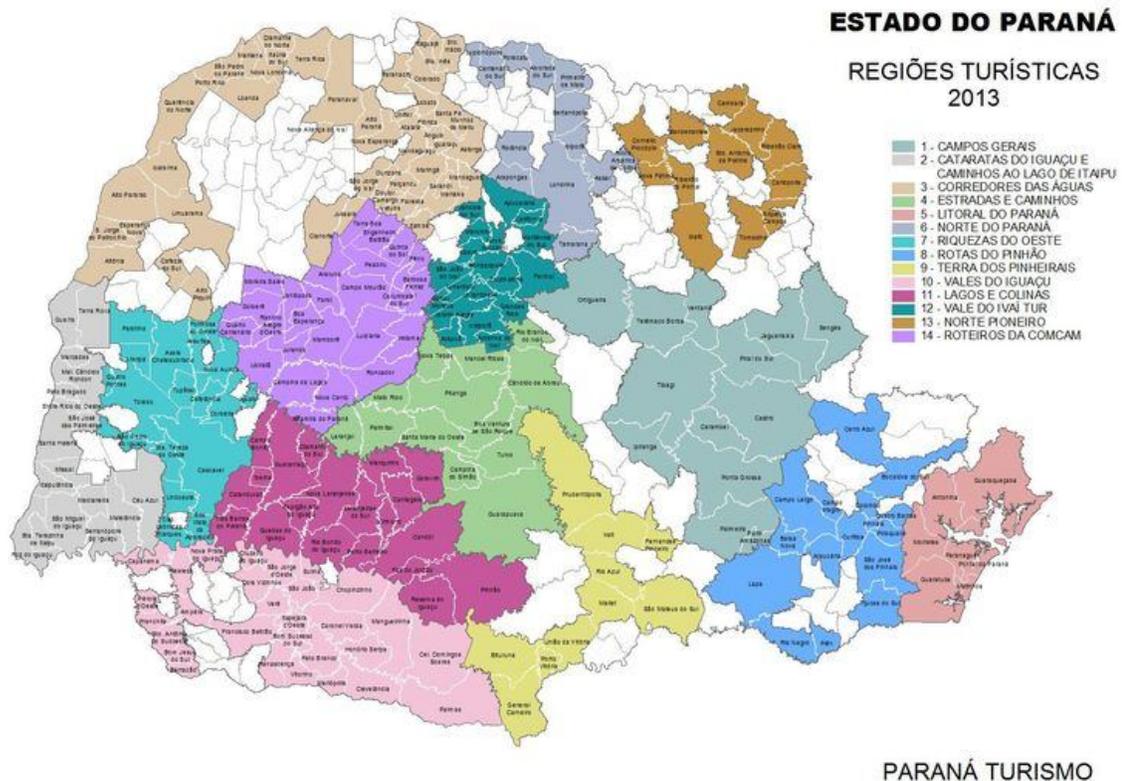


Figura 01: Paraná - Regiões Turísticas, 2013.

Fonte: Secretaria de Estado do Turismo do Paraná. Disponível em: <<http://www.setu.pr.gov.br>>. Acesso em: jan. 2015.

Unindo municípios com características históricas, físicas e culturais similares, as regiões turísticas paranaenses surgem com o objetivo de aglutinar as potencialidades turísticas de cada município, e buscar, de forma coletiva, aumentar as possibilidades de desenvolvimento da atividade, promovendo o turismo regional.

O turismo na Mesorregião, acompanhando as tendências das políticas nacionais que começam a surgir na década de 1990, passa a ser visto como fator de desenvolvimento e alternativa, em meados do ano de 1994, quando o então secretário da Indústria, Comércio e Turismo de Campo Mourão, o sr. Manoel Jacó Garcia Gimenes (atual Presidente da Paraná Turismo, organismo gestor do turismo no Paraná) percebe o possível potencial do setor em gerar emprego e renda. Segundo entrevista concedida ao Jornal *on-line* Inturmet, da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana (FECEA), o sr. Jacó Gimenes declarou ter observado a

dinâmica da região e percebeu que alguns produtores rurais, sem orientação, começaram a trabalhar com o turismo.

Nesse contexto, surgiram quatro empreendimentos na área rural de municípios que compõem a Mesorregião. No município de Campo Mourão encontra-se a pousada A Fazendinha; em Iretama localiza-se o resort Thermas de Jurema. Em Roncador está a pousada Parque da Gabirobas e em Quinta do Sol situa-se a fazenda-hotel Água-Azul.

A atividade turística que ocorre no Hotel-Fazenda Água Azul se dá em uma antiga fazenda de café, propriedade que acompanhou o avanço dos cafezais no norte paranaense. As atividades de lazer vão de passeios em meio à natureza preservada até momentos de recreação, que se constituem em representações da vida no campo vividas pelos colonos que ali passaram.

Cabe entender, a respeito, que, na época da produção de café, famílias de colonos trabalhavam na lavoura e residiam em pequenas casas dentro da fazenda. Cada família possuía uma pequena horta e um cercado para a criação de animais de pequeno porte, como porcos e galinhas, conforme relata a proprietária entrevistada². As construções rústicas, que abrigaram a chegada da água encanada, eram extremamente simples, capazes de abrigar apenas a vida simples dos colonos. A parte externa das casas foi mantida o mais próximo do original, porém o gramado florido substituiu as hortas. Pinturas e reparos foram acrescentados para uma apresentação agradável aos olhos do turista.

Ocorre que essas adaptações não ficam apenas do lado de fora. Para melhor receber os turistas, hoje as antigas casas de colonos possuem chuveiro elétrico, quartos confortáveis com ar-condicionado, frigobar e televisão, como ilustrados na Figura 02. Somadas a esses aparelhos, que garantem conforto e aproximação das urbanidades, conforto que os turistas provenientes da cidade não dispensam, aparecem então as representações que revivem a vida dos colonos que se passava ali e reforça o espetáculo do modo de vida agricultor tradicional. A casa de madeira, o fogão a lenha, dentre outros, confundem-se, portanto, nesse cenário. A respeito disso, compreende-se que “Ao apropriar-se de espaços rurais, tais como de cidades e de áreas naturais, o turismo impõe a sua lógica de uso desses espaços [...] Mais do que inserir objetos nesses

² Em depoimento concedido. (Duração: 1 h 45 min e 35 s).

espaços, o turismo também se apropria de objetos preexistentes, mudando seus significados” (CRUZ, 2001, p. 20).



Figura 02: A produção do espaço para o turismo
Fonte: Acervo particular do autor.

Assim, nesse quadro, as representações das ruralidades e das urbanidades se misturam. Isso provoca o distanciamento da realidade e a aproximação dos sonhos, ao mesmo tempo em que dificulta ao turista a identificação do que é real e o que é ilusão. A produção do espaço é fonte para atrair turistas em busca do encontro com as representações rurais. Produz-se o espaço para garantir conforto e proximidade com uma realidade que não está mais contida ali e que agora se encontra em forma de espetáculo.

Para além de empreendimentos turísticos, como o da Fazenda Água Azul, que baseia as atividades turísticas em sua história com os colonos, existem os empreendimentos que nada têm de rural, a não ser o entorno, que são produções do espaço criadas exclusivamente para o turismo, em que se institui uma ideia de “[...] reconhecimento do lugar, mas não o seu conhecimento, reconhecem-se imagens antes veiculadas, mas não se estabelece uma relação com o lugar, não se descobre o seu significado” (CARLOS, 1999, p. 31).

A exemplo disso, citamos a Pousada A Fazendinha, em Campo Mourão. A depoente explica que a família possuía uma chácara de cinco alqueires e, em viagem para Fortaleza, no Ceará, conheceram um pequeno sítio que, nas palavras da entrevistada, tinha “cinquenta metros de frente por seis de fundo”³. A partir desse momento a proprietária batizou a sua chácara de Fazendinha, uma vez que, se um lote tão pequeno no Nordeste era um sítio, sua chácara era uma “fazendinha”.

Em ocasião de recebimento de uma família de São Paulo para se hospedar no local, os hóspedes relataram sobre a grande quantidade de pequenas propriedades paulistas que trabalhavam com o turismo. Assim, a proprietária da Fazendinha viu, naquele momento, uma oportunidade de negócio. Foi então que, juntamente com o prof. Jacó Gimenes, os donos da chácara realizaram a viagem para a região de Lajes, anteriormente relatada pela a ex-presidente do COMTUR, e conheceram a atividade turística que se realiza no campo. A partir desse momento, os proprietários decidiram transformar a chácara em empreendimento turístico, que foi inaugurado em 1998.

Em função do empreendimento, toda a chácara foi reorganizada. Até mesmo a recomposição da mata foi produzida para o consumo do turista. Os apartamentos, o restaurante, a adega, a piscina, enfim, toda a infraestrutura que existe hoje ali, e que com o tempo foi melhorada, nada tem de relação com as ruralidades, a não ser a localização no campo. A Figura 03 ilustra o que estamos falando. Isso reforça as ideias de Carlos (1999) sobre as questões relacionadas à produção de não lugares para o turismo, pois a estrutura (com piscina, cascata, passarela) foi constituída por novas construções produzidas apenas para a atividade turística.

³ Em depoimento concedido. (Duração: 31 min e 58 s).



Figura 03: Infraestrutura de piscina construída para os turistas
Fonte: Acervo particular do autor.

Toda essa infraestrutura, que comercializa conforto, deve estar ligada, é claro, às simulações da vida no campo, pois, afinal, o produto (o cenário a ser consumido) são as representações rurais. Nesse sentido, não podem faltar na estrutura os cavalos, o passeio de charrete, os gansos ao lado do lago, dentre outras representações que aproximam o hóspede da vida no campo. Para além disso, foi possível ainda observar simulações de outras realidades, já postas ainda como simulações, que estão representadas na adega existente na Fazendinha.

Ainda, o café colonial servido nos empreendimentos pesquisados também é um exemplo claro da mercantilização de uma tradição camponesa. Sobre isso, Woortmann (2006), ao tratar dos simbolismos dos saberes tradicionais camponeses, lembra que os modos da comensalidade desses sujeitos ganham novas formas para a atividade turística. O sistema antigo de se alimentar, se refere a uma alimentação pesada para o trabalho e hoje ela está presente nos cafés coloniais para os turistas.

A produção do espaço para o turismo, com as representações tangíveis ou intangíveis nele contidas, são respostas às expectativas de uma demanda crescente. Na pousada Parque das Gabirobas, além do café colonial, dentre outros confortos que remetem ao simbolismo do modo de vida tradicional, é possível encontrar outras produções que respondem às suas exigências, as

quais são reflexos da vida urbana. Sobre isso, observam-se as construções, as quais não permitem que o mesmo tenha o desconforto de entrar em contato com o barro localizado às margens do rio. Essa constatação foi verificada ao com o calçamento na Pousada que margeava o rio, estruturado para os turistas.

Dentre várias das atividades que podem ser realizadas no local, o boia-cross é uma delas. O boia-cross consiste na descida de um rio em cima de uma boia grande, que pode ser uma boia própria para atividade ou uma câmara de pneu de caminhão. A trilha para se chegar às margens do rio, para a realização da atividade, é totalmente calçada, o que permite ao turista maior conforto, e menor incômodo, como discutido por Candiottto e Corrêa (2008), em que o desejo de retorno ao campo é esperado pelos cidadãos, mas sem seus inconvenientes. Assim, na pousada não é preciso pisar no barro para se chegar ao rio e praticar o boia-cross, como pode ser visualizado na Figura 04:



Figura 04: Calçamento para chegar às margens do rio
Fonte: Acervo particular do autor.

Ao mesmo tempo, porém, em que o calçamento não permitia o contato com os inconvenientes da natureza, o reencontro com ela é imprescindível para turistas que buscam

empreendimentos localizados no campo. Essa necessidade pode ser verificada na quantidade de redes para descanso postas, em meio às árvores e flores na propriedade, denunciando a busca por um lugar calmo, silencioso, tranquilo, de ar puro, para se descansar e até mesmo dormir, sem compromisso algum. Nesse sentido, o turista paga não só pela estrutura física, mas por todas essas representações abstratas que o campo pode proporcionar.

O reencontro com a natureza coloca-se como tônica nas visitas aos empreendimentos rurais realizadas pelos turistas. É preciso compreender, como asseverou Endlich (2009), que a revalorização da natureza ocorre a partir de uma perspectiva urbana. A visita ao campo é tida como um retorno ao ambiente natural do mundo rural na sociedade moderna.

Sobre esse aspecto, dentre todos os empreendimentos pesquisados, aquele que mais se destacou foi o *Thermas de Jurema Resort Hotel*, em função de sua grande artificialidade. A referida empresa trata-se de um *resort*⁴, portanto, mais uma “bolha” produzida pelo turismo. A pequena estrada que leva para o empreendimento possui, nas margens das inúmeras curvas de seu trecho, pequenas propriedades rurais, uma ao lado da outra, em que é possível identificar o gado leiteiro pastando nos morros, os trabalhadores rurais em suas atividades rotineiras, dentre muitas outras características próprias do campo. Logo na entrada do distrito localiza-se uma grande loja de souvenirs para turistas, que aponta para a realização da atividade no local. A localidade de Águas de Jurema é mais um dos distritos e municípios que sofrem com os índices de pobreza e baixo desenvolvimento humano.

Passando pelo distrito, é possível apreender, por meio de uma breve observação da paisagem, o contraste entre o distrito e o empreendimento localizado em suas imediações. Ao entrar no *Thermas de Jurema Resort Hotel*, é possível se deparar com uma ponte de estrutura nova e de arquitetura moderna, muito diferente da precária ponte municipal que leva os turistas até o distrito.

O *resort*, preparado e estruturado em cada canto, em cada detalhe, se transforma no que Baudrillard (1991) chamou de espetáculo, ao tratar das questões relacionadas ao simulacro.

⁴ Conforme Cruz (2001), os *resorts* são empreendimentos de alto padrão, que proporcionam modernidade e conforto para os turistas, com inúmeras atividades, em uma estrutura completa em que não há necessidade de o hóspede deixar o empreendimento. Nesse sentido, não é preciso ter contato algum com a vida cotidiana que se passa no exterior do empreendimento. Por esse motivo, tais equipamentos turísticos são conhecidos como “bolhas”.

Carlos (1999) utiliza esse conceito ao refletir sobre o turismo e afirma que o mesmo “[...] transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o ‘espetáculo’” (CARLOS, 1999, p. 26).

Esse cenário para o espetáculo mistura e confunde em um mesmo espaço o novo e o antigo, o moderno e o atrasado, o sofisticado e o rústico, sinalizando mais uma vez para a confusão, o misto da realidade e da ilusão, o simulacro. Nesse sentido, o turista, ao entrar no *resort*, localizado no campo, tem a possibilidade de deixar para trás, ao atravessar a ponte do hotel, a pobreza e os inconvenientes do campo, localizados no distrito de Águas de Jurema, uma vez que, “O turismo assim concebido reduz-se ao espaço físico do lugar, como se cada lugar não tivesse uma história social e não fosse mesmo um espaço social” (CRUZ, 2001, p. 99).

No *resort* é possível andar de charrete, que retrata os usos da mesma e do cavalo, que apesar de ainda servirem como meios de transporte e trabalho para muitos trabalhadores rurais, agora são utilizados para o lazer, dando sentido de um retorno ao antigo, ao passado em descompasso com estrutura moderna da piscina. Ocorre, porém, que o calçamento limpo, ainda molhado, que acabou de ser lavado, denuncia, mais uma vez, que essa visita ao campo não é realizada com os inconvenientes desse espaço, como já colocaram Candiotto e Corrêa (2008). A calçada limpa impede que os turistas sujem os pés com o barro que por ventura pudesse estar lá, como retratado na Figura 05:



Figura 05: Charrete preparada para receber turistas
Fonte: Acervo particular do autor.

O consumo do modo de produção e vida tradicional do campo se faz nesse local, sem que sua presença desses atores seja necessária, a não ser como funcionários do turismo, contratados pelos empresários do ramo. É possível andar de charrete e de trator, pescar, colher frutas no pomar, verduras e legumes na horta, os quais representam a lida no campo. Exemplo do que estamos falando é a horta do *Thermas de Jurema Resort Hotel* retratada na Figura 06. A típica horta de agricultores tradicionais em que as verduras e os legumes crescem em meio ao mato, para evitar a destruição pelas pragas, é reproduzida no *resort* e tratada pelos funcionários do hotel.



Figura 06: Horta do Thermas de Jurema Resort Hotel
Fonte: Acervo particular do autor.

Sobre isso, observa-se que é possível encontrar moradores da região exercendo funções nas atividades do *resort*. Em entrevista⁵, o gerente afirmou que são empregados para trabalhar no local numerosos moradores do distrito de Águas de Jurema e da região. Inclusive, muitos deles, são provenientes de assentamentos e outras propriedades rurais localizadas próximas ao empreendimento. Tais funcionários ocupam funções dentro de escritórios, na recepção e também em trabalhos externos relacionados ao cuidado com os animais, com a horta, com o pomar, com os passeios. Em contraste, alguns cargos de maior responsabilidade são delegados a pessoas de fora, como é o caso do gerente do *resort*, que é proveniente de Curitiba. Esse caso nos remete a Froelich (2000), o qual traz questionamentos a respeito do turismo, quando afirma que esse turismo lança sobre a comunidade local apenas os respingos de seus resultados.

A horta, o pomar, entre outras representações, remetem os turistas a vida no campo e reproduzem a propriedade de agricultores tradicionais. Seus costumes em produzir alimentos e o modo como vivem estão todos simulados no *resort*. Sua imagem virtual estava lá, mesmo sem que ela fosse de fato necessária.

⁵ Em depoimento concedido. (Duração: 1 h 12 min e 13 s).

Muitos dos produtos consumidos no local são produzidos no próprio *resort*. A carne de pequenos animais, o leite, as frutas, as verduras, até mesmo os doces das compotas são fruto da propriedade. O gerente do hotel nos apresentou muitos pontos do *resort* em que é possível degustar tais produtos, a exemplo da adega, que comercializa queijos, salames, doces em compota, todos produzidos no local.

Tudo está pronto e produzido no *resort*. Até mesmo a produção de leite, maior atividade realizada pelos agricultores no município, é reproduzida no hotel, em um pequeno laticínio. No hotel, é possível realizar um passeio de trator para chegar até a ordenha e conhecer o processo de criação do gado leiteiro.

Observou-se a grande movimentação e empolgação dos turistas em contato com um desses passeios. Ao chegarem à ordenha, um dos turistas pediu para que o motorista não parasse em terreno barrento. Assim que desceram do trator, o qual possuía uma extensão para levar os turistas em local coberto, com bancos estofados, se depararam com um funcionário que preparava os animais para sua chegada.

Eles eram muito bem limpos e suas patas traseiras foram amarradas para que, durante a ordenha, nenhum turista sofresse ferimentos. Assim que eles estavam prontos, os hóspedes eram convidados a praticar a ordenha. Todos se aglomeraram em volta dos animais e, em sequência, de forma rápida, se posicionavam um a um, para tirar fotos. A tônica do momento era a pose para a foto, em que os mesmos simulavam a ordenha. Era tudo muito rápido, enquanto um deles posicionava a máquina, outro se colocava no melhor ângulo para a foto. Esse momento era o momento de simular uma das atividades vividas pelos camponeses, o ato de retirar o leite para o próprio consumo, para auferir renda à família, em que a presença do próprio agricultor não se fazia necessária.

Nesse mundo de simulações se divertiam os turistas em um passeio muito rápido, consumido com hora marcada. O empreendimento produzia o espetáculo e, os visitantes aceitavam o lugar de espectadores. O tempo ali não era o tempo da vida cotidiana, o espaço onde se dá a vida. Era um não lugar, de não identidades, um local produzido, o qual confundia realidade e ilusão, um local de simulação do modo de vida e produção tradicional no campo. Para Froelich (2000), o turismo que ocorre no campo:

[...] indica uma demanda turística particular e um fenômeno incomum até há pouco: a valorização como atração/espetáculo de uma situação social e de uma atividade, a 'agricultura tradicional', consideradas como atraso e arcaísmo pelo discurso de modernização da agricultura, o qual se propunha a eliminá-la (FROELICH, 2000, p. 6).

Ocorre que a produção de todo esse espetáculo, de toda a infraestrutura para reorganizar o espaço a ser consumido é resultado de uma exigência da demanda turística.

Conforme Cruz (2001), nesse sentido, o confinamento de turistas nesses empreendimentos é a solução encontrada pelos empresários do setor, tanto na esfera pública quanto na privada. Para a autora, as mudanças nas estruturas sociais são a única forma de reversão desse quadro e o turismo não possui esse poder.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função do avanço da urbanização de forma crescente, as ruralidades vão sendo revalorizadas. Além disso, o processo de modernização da agricultura trouxe consequências para áreas rurais, como a concentração fundiária e o êxodo rural. Dessa forma, o desenvolvimento desigual no campo, com áreas rurais mais pobres e áreas rurais mais ricas, faz surgir um quadro em que os atores sociais das áreas menos favorecidas buscam alternativas para seu fortalecimento.

Nesse sentido, com a revalorização das ruralidades, o turismo começa a ser citado como atividade alternativa para agricultores camponeses, afirmando-se que de muitas maneiras pode auxiliar no desenvolvimento de regiões pobres. Nesse quadro se coloca a Mesorregião Centro-Ocidental. Em função de suas características físicas, de morros e colinas, da resistência camponesa na mesma e do baixo índice de desenvolvimento humano, o turismo começa a ser citado como possível solução, como vetor de desenvolvimento gerando emprego e renda para sua população.

Vimos, porém, que para a realização da atividade, estruturas especializadas são implantadas para receber uma demanda cada vez mais exigente e, além disso, a atividade está baseada nas relações de compra e venda desses espaços. Essas observações apontam para os

entraves que se colocam como impedimento para o avanço da atividade junto aos agricultores camponeses na Mesorregião Centro-Ocidental paranaense.

Nesse sentido, o turismo na região avança com os empresários localizados no campo. O turismo dos empresários avança porque eles possuem recursos financeiros próprios para alavancar a atividade em suas propriedades, sem auxílio de políticas públicas. Os empreendimentos, em função da exigência de uma demanda cada vez mais crescente de turistas citadinos que buscam o encontro com um imaginário bucólico do mundo rural, seguem simulando o modo de vida tradicional em suas propriedades para a comercialização de suas representações de forma material e imaterial.

Sem dispensar confortáveis estruturas, esses empreendimentos turísticos promovem um cenário misto de rusticidade e modernidade, que se colocam como espetáculos de não lugares e de não identidades para os espectadores, os turistas. Para reforçar a figura do agricultor tradicional nesses locais, a participação dos mesmos, ocorre em função de sua proletarização, quando contratado como funcionário nesses empreendimentos, reforçando a simulação do seu modo de vida e produção.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. A. V. **Vilas rurais da Microrregião Geográfica de Campo Mourão**. 2005. 162 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

CANDIOTTO, L. Z. P; CORRÊA, W. K. Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v. 3, n. 5, 2008.

CARLOS, A. F. A. A questão da cidade e do campo: teorias e política. **Revista Mercator**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 7-13, 2004.

_____. O turismo e a produção do não-lugar. In: CARLOS, A. F. A; YÁSIGI, E.; CRUZ, R. C. A. (Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. **Revista Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, 1998.

CORIOLOANO, L. N. M. T. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: LEMOS, A. I. G; ARROYO, M; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **América Latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo: Clacso, 2006.

CRUZ, R. C. A. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

DORETTO, M.; PELLINI, T.; LLANILLO, R. F.; SOARES, D.; CAVIGLIONE, J. H.; MUNHOS, P. D. **Mapeamento da pobreza do Paraná: situação segundo Municípios e Associações de Municípios do Paraná, ano 2000**. Londrina, PR: IAPAR, 2003.

ENDLICH, A. M. Perspectivas sobre o rural e o urbano. In: SPOSETO, M. E. B; WHITACKER, A. M. (Orgs.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

FROELICH, J. M. Turismo Rural e Agricultura Familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento local. In: ALMEIDA, A. RIEDL, M. (Orgs.). **Ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru: EDUSC, 2000.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Relação dos municípios do Estado ordenados segundo as Mesorregiões e as Microrregiões geográficas do IBGE - Paraná - 2012**. IPARDES, 2012. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/relacao_mun_micros_mesos_parana.pdf>. Acesso em: Jan. 2015.

JOAQUIM, G. Turismo rural: que sustentabilidade? In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2003.

JORNAL INTURNET. **Entrevista Cara a Cara**. Edição 1, 2003.

MARAFON, G. Permanências e mudanças no campo: questões à geografia agrária. In: MENDONÇA, F; LOWEN-SAHR, C. L; SILVA, M. (Orgs.). **Espaço e Tempo**. Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba, RS: ADEMADAN, 2009.

MARQUES, M. I. N. O conceito de espaço rural em questão. **Terra livre**, São Paulo, v. 18, n. 19, p. 95-112, 2002.

MINISTÉRIO DO TURISMO, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. **Turismo rural: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

PARANÁ. SECRETARIA DO ESPORTE E DO TURISMO. **Regiões turísticas do Estado**. 2013. Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=946>>. Acesso em: Jan. 2015.

RODRIGUES, A. B. Turismo Rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo rural: práticas e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, J. G. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. 2. ed. CampinasSP UNICAMP, 1998.

SILVA, J. G. **O novo rural brasileiro**. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

TULIK, O. **Turismo rural**. São Paulo: Aleph, 2003.

WOORTMANN, E. F. A lógica e a simbólica dos saberes tradicionais. In: ARAÚJO, W. M. C.; TENSER, C. M. R. (Orgs.). **Gastronomia: cortes e recortes**. Brasília: Editora Senac – DF, 2006.

Submissão em: 16/03/2016

Aceito em: 19/05/2016